

O QUE SIGNIFICA SER UM BOM LEITOR?

*Damáris Naim Marquez **

Este material faz parte de um trabalho de análise da leitura de um texto didático. A pesquisa corresponde a uma das etapas vivenciadas no **Projeto Entendendo o Processo de Leitura**.¹

Um dos objetivos no trabalho era o de caracterizar o bom leitor. Assim, tentarei dar a minha interpretação do que seja um bom leitor, tomando como referência uma das entrevistas que realizei em Uberlândia, com alunos de 2ª série, do 1º Grau.

Dos Entrevistados

Ao todo foram entrevistadas dez crianças, cinco de escolas particulares e cinco de uma escola Estadual. Os alunos das escolas particulares foram três de uma, e os outros dois de outra escola.

Não houve critérios para a escolha dos alunos, quem os determinou foram as professoras regentes e/ou a diretora de turno, à medida que eles terminavam suas tarefas escolares.

Nas três escolas foi necessário buscar as crianças em suas salas de aula e levá-las de volta. Mantive um "bate-papo" inicial, para deixá-las mais descontraídas, iniciando a conversa

durante o percurso sala de aula e local onde se realizaria a entrevista.

Neste primeiro contato, apresentei-me à criança, expus o projeto de pesquisa e solicitei sua colaboração. Todas demonstraram um certo envaidecimento por estarem colaborando com o trabalho.

A receptividade da escola pública, de periferia, superou a das escolas particulares. Estas receberam uma avaliação do trabalho desenvolvido pelas instituições. Só se dispuseram a colaborar após insistentes pedidos e esclarecimentos quanto aos objetivos a que me propunha no trabalho.

Embora bem mais tímidas, as crianças da escola pública ficaram mais interessadas em serem entrevistadas.

Primeiro foram entrevistadas as crianças da escola particular e uma de cada vez. Num outro dia, as da escola estadual.

À medida que a criança ia respondendo as perguntas, registraram-se as respostas, enquanto o gravador permanecia ligado, debaixo de uma carteira, como precaução, para o caso de surgirem dúvidas quanto às anotações feitas.

* Professora do Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica da UFU, Mestre em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Goiás.

1. Projeto Entendendo o Processo de Leitura (Processos 301490/85 e 407341/86- Agosto/86) coordenado pela Professora Doutora RAQUEL FIGUEIREDO A. TEIXEIRA. Os dados obtidos neste projeto, somados às pesquisas e trabalhos práticos realizados durante o Curso "ENTENDENDO O PROCESSO DE LEITURA" oferecido no Curso de Mestrado da UFU, primeiro semestre/87 e ministrado pela Professora Doutora RAQUEL F.A. TEIXEIRA, serviram como uma testagem piloto para a minha tese de Mestrado. Assim concebidos, estes dados possibilitaram a aplicação de instrumento semelhante e foram fundamentais no meu trabalho de pesquisa.

As crianças leram em voz alta cada segmento. Durante a entrevista, se liam alguma palavra errada, aguardava-se o término da leitura e, em seguida, pedia-se que lessem o trecho novamente. Se persistissem na leitura errada, nada se comentava e a entrevista prosseguia. A seguir, os entrevistados ouviam a pergunta correspondente àquele segmento lido e a respondiam. Era apresentado o segmento seguinte, as crianças o liam em voz alta, ouviam a pergunta e a respondiam. Estes passos foram observados até o término de todos os segmentos do texto.

Terminada a leitura segmentada, o aluno foi levado a opinar sobre a história que acabara de ler; alguns a reproduziam.

Da Escolha do Texto

O texto a PREGUIÇA E O BANQUETE DOS BICHOS foi previamente preparado pela equipe do projeto. Além disso, fora segmentado em partes, com base no modelo teórico proposto por FILLMORE & KAY (1981).²

Utilizei, assim, um livreto, contendo cópias xerox correspondentes ao número de segmentos, seguindo criteriosamente as determinações dos autores.

Veja-se, a seguir, o texto escolhido pela equipe:

A PREGUIÇA E O BANQUETE DOS BICHOS

Os bichos deram um banquete. Já na hora em que iam se sentar à mesa, notaram que não havia farinha. Então chamaram a preguiça e disseram:

— Comadre preguiça, vá depressa à cidade e compre cuia e meia de farinha. Mas venha logo, senão a comida esfria.

A preguiça fez uma careta e saiu resmungando pelo corredor da sala de jantar. Então toca a esperar. Passou-se uma hora... Passaram-se duas, três, quatro horas.

Todos os bichos estavam caindo de fome. Impaciente, a cutia exclamou:

— Minha gente, que fim teria levado a comadre preguiça que ainda não voltou?

Então ouviram de trás da porta da rua a preguiça murmurar:

— Se me aperriarem, não vou à cidade comprar a farinha.

*Maria Zélia Galvão de Almeida,
O curumim, Editora Tabajara.*

2. Na realização da entrevista, apliquei o texto previamente selecionado e preparado pela equipe do projeto acima. Uma pergunta acompanhava cada segmento e esta seria feita ao entrevistado imediatamente após a leitura oral do segmento. Utilizei, assim, um livreto, contendo cópias xerox correspondentes ao número de segmentos mais uma, seguindo criteriosamente as determinações dos autores. Os segmentos que não deveriam ser lidos foram batidos com a letra "X", mantendo a mesma estrutura física do texto original. Dessa forma, a criança tinha uma visão do tamanho do texto, e, à medida que lia cada segmento, o texto se compunha, até que ao atingir a última folha, o aluno o via por inteiro. Confira, a respeito, FILLMORE, Charles J. *Ideal readers and real readers*. Proceedings of the 32nd Georgetown Roundtable on Language and Linguistics Washington, D.C., Georgetown University Press, 1981.

OBS.: Segundo Fillmore & Kay, o leitor ideal (L1) é um construto teórico que nos permite avaliar o desempenho dos leitores reais (LR): dado um texto, com uma interpretação específica, o L1 é um ser que "possui todas habilidades e conhecimentos necessários para extrair do texto a interpretação desejada." Cada texto tem o seu leitor ideal, que "sabe o que o texto pressupõe e é capaz de apreender o que o texto pretende ensinar" (KAY, 1981:1). Assim concebido, o leitor ideal não pode ser confundido com o leitor real maduro e competente, embora "possa ser exemplificado por um leitor real maduro e competente de um texto bem construído, com uma interpretação específica". (KAY, 1981:1).

Escolhido o texto, este foi dividido em dezessete segmentos:

*A PREGUIÇA E O
BANQUETE DOS BICHOS*

Os bichos//deram um banquete.//Já na hora em que iam se sentar à mesa,//notaram que não havia farinha. Então//chamaram a preguiça e//disseram:

— Comadre preguiça, vá depressa à cidade e// compre cuia e meia de farinha. Mas venha logo, senão// a comida esfria.//

A preguiça fez uma careta e// saiu resmungando pelo corredor da sala de jantar.//Então toca a esperar.// Passou-se uma hora... Passaram-se duas, três, quatro horas.//

Todos os bichos estavam caindo de fome. Impaciente, a cutia exclamou://

— Minha gente, que fim teria levado a comadre preguiça que ainda não voltou?//

Então//ouviram de trás da porta da rua a preguiça murmurar://

— Se me aperriarem, não vou à cidade comprar a farinha.//

*Maria Zélia Galvão de Almeida,
O curumim, Editora Tabajara.*

Do Processo de Compreensão

O resultado das entrevistas superou as expectativas. O texto foi compreendido diferentemente pelas crianças e cada uma fez uso de seu "background" sócio-cultural e experiência com a linguagem.

3. Cf., a respeito, Anexo 1.

Embora tenha entrevistado ao todo dez crianças, utilizarei para esta análise os resultados de uma delas. Lúcia, a criança selecionada, demonstrou grande envolvimento com a leitura.

Este envolvimento teve início quando ela insistiu em participar das entrevistas. Além disso, manteve um relacionamento descontraído, alegre e espontâneo.³

Estas peculiaridades não interferiram nos dados, pois ela soube manter muita seriedade e preocupação ao responder as questões. Seus questionamentos relativos à história e suas respostas evidenciam as características de um bom leitor, como veremos adiante.

Este fato, por outro lado, levou-me a refletir: Por que apenas uma, entre dez crianças, assim se comportou? Além disso, durante a leitura do texto, as outras crianças a fizeram mecanicamente, apenas decodificando as letras, além de demonstrarem desinteresse pela tarefa que lhes estava sendo solicitada.

Várias causas poderiam ser levantadas. A mais provável, a meu ver, está no ensino da leitura que leva o aluno a decodificar o que lê, em atividades mecânicas, destituídas de significado e com ênfase na rapidez, fluência e entonação.

Não é esta leitura que me proponho a discutir aqui. Mas aquela em que o leitor é o sujeito no ato de ler. Um leitor capaz de interagir com o texto, de analisar, questionar, para em seguida se posicionar.

É conhecido que a maior barreira que as crianças enfrentam na escola centra-se no aprendizado da leitura. A busca de uma solução

para as dificuldades de leitura e compreensão vem direcionando as pesquisas nesta área. Além disso, a partir do momento em que a didática das línguas voltou a se interessar pela escrita e compreensão da escrita, pôde-se esboçar as características do que seria um bom leitor.⁴

Atualmente, o bom leitor não é mais aquele que consegue identificar sílabas, palavras, estruturas, ou ler com rapidez, fluência, entonação, como a maioria das escolas preconiza. Isto porque a leitura é muito mais complexa do que imaginamos.

Para dar uma idéia mais clara das características que considero como sendo fundamentais no bom leitor, vou expor, a seguir, alguns aspectos que me pareceram mais significativos.

Análise da Entrevista

Analisando a entrevista, pude comprovar o empenho de nossa entrevistada em dar respostas adequadas e mesmo seu interesse em compreender o texto. Para que isto fique bem claro para os leitores, é importante que eu relate fielmente como se deu a leitura do texto e o seu processo de entendimento.

De início, apresentei-lhe a primeira folha, onde se lia apenas o título:

A PREGUIÇA E O
BANQUETE DOS BICHOS

x
x
x x

Enquanto as outras crianças ficaram em dúvida quanto ao significado da palavra preguiça, percebi que Lúcia não demonstrou ter dúvidas quanto ao seu sentido, que pode comportar, pelo menos, duas interpretações diferentes:

o bicho preguiça = animal;
o próprio estado = preguiça, preguiçoso.

Após a leitura, em voz alta, perguntei-lhe:

— Sobre o que você acha que vai ser a historinha ?

— *É um bicho preguiçoso, que vai num banquete. Tá certo?* — respondeu-me ela.

Ao empregar a palavra **bicho**, Lúcia levantou sua primeira hipótese quanto ao sentido de "preguiça", tomando como referência seus conhecimentos anteriores sobre o animal. Estes a levaram a utilizar automaticamente **bicho**, pois a preguiça é um animal; ao mesmo tempo, ao empregar **preguiçoso**, ela tentou fazer uma escolha dentro do que acredita que o texto abordará: é o animal bicho preguiça e não sua característica: ser preguiçoso.

Confirmam-se, assim, o valor das experiências anteriores advindas do contexto sócio-cultural, os conhecimentos de mundo em relação às palavras **bicho** e **preguiça**, apreendidas fora do contexto escolar. Estas experiências acabam por influenciar decisivamente em sua compreensão do texto, de forma que o sentido já não se encontra no texto em si, ele se torna uma peça inicial do processo de compreensão.

Percebi, entretanto, que Lúcia não estava muito segura, pois ela completou: — *Tá certo?*

Continuando, analisemos nosso diálogo após a leitura de outro segmento.

1º Segmento:

A PREGUIÇA E O
BANQUETE DOS BICHOS

Os bichos x x x x x x x x x x x x x x x x
x
x x

— E agora, você acha que é isso que você falou?

— Não.

— Não é, não?

— Não!

— Então, o que você acha que vai contar esta historinha?

— *Vai contar a história dos bichos... Ai, meu Deus! por que agora eu não sei?*

— Você nem imagina o que vai ser?

Aguardei um pouco, mas Lúcia nada mais disse.

Neste ponto da leitura percebe-se que Lúcia reavaliou o que dissera anteriormente e reformulou suas hipóteses sobre o conteúdo da história. Entretanto, ela não estava segura ainda quanto ao sentido real da palavra **preguiça**, confirmado em suas próprias palavras: — *Por que agora eu não sei?* E, ainda, no silêncio que manteve no final deste segmento.

Prosseguindo em nossa análise, vejamos como ela se comportou nos outros segmentos do texto:

2º Segmento:

A PREGUIÇA E O
BANQUETE DOS BICHOS

Os bichos deram um banquete. x x x x
x
x x

— E agora? O que será que vai acontecer?

— *Agora vai ter um negócio preguiçoso, não sei... Um negócio envolvido na preguiça.*

Ao dizer negócio preguiçoso, e ao continuar não sei, e ainda um negócio envolvido na preguiça, como para esclarecer-me, ela forneceu dados que levaram-me a concluir que, agora, estava realmente incerta, pois o texto não lhe ofereceu pistas suficientes para que previsse qual teria importância maior na história: o fato de se estar com preguiça ou o próprio animal.

O não sei de Lúcia confirmou sua insegurança quanto a uma escolha, e isto levou-me a fazer-lhe outra pergunta, que aliás não constava do questionário e que de certa forma acabou auxiliando-a:

— Lúcia, por que você sabe que vai ter isso (um negócio envolvido na preguiça) ?

Ela imediatamente respondeu-me dizendo que observara o título.

Provavelmente Lúcia tem uma professora

que leva seus alunos a lerem compreensivamente, procurando extrair de cada palavra a sua inter-relação com o que o texto diz ou possa dizer.

Sabemos que o contexto lingüístico é importante para o leitor na identificação dos sentidos das palavras. Assim, quando o leitor levanta suas hipóteses, ele, para confirmá-las, empreende uma busca no contexto lingüístico, que muito o auxiliará em sua capacidade preditiva, pois "há leitores que são mais adivinhadores do que outros" (KATO, 1986:76). Este ponto foi significativo para mim, pois notei que, durante a leitura, Lúcia várias vezes retornava às partes já lidas e as relia novamente, exigindo que eu esperasse. Outras vezes, ela relia o mesmo segmento, mantendo-se em atitude pensativa como se buscasse pistas que a auxiliassem.

O interesse de Lúcia em que se resolvessem suas dúvidas quanto ao significado da palavra preguiça também apareceu no seguinte trecho:

3º Segmento:

A PREGUIÇA E O
BANQUETE DOS BICHOS

Os bichos deram um banquete. Já na hora em que iam se sentar à mesa, x x x x
x
x
x x

Considero este ponto da entrevista como o mais fiel com relação ao que estou discutindo aqui: o interesse do leitor pela leitura. Isto porque,

ao terminar de ler o segmento acima, Lúcia espontaneamente completou:

— *Tan, Tan, Tan, Tan, Taaaannn... Tan, Tan, Tan, Tan, Taaaannn...*

Neste exato ponto da leitura, ela representou na fala o som de suspense, se auto-motivando para o que viria a seguir. E respondeu então quando lhe perguntei:

— O que aconteceu?

— *Acho que vai chegar outro bicho, o bicho preguiçoso.*

A atitude de Lúcia, segundo a abordagem reconstrutora, é explicada como sendo o leitor um participante cooperativo de um ato de comunicação, confirmado plenamente nas atitudes acima expressas.

O desempenho de Lúcia durante a leitura vai paulatinamente confirmando a tese de que "a leitura é uma relação ativa, direcional, entre o leitor e o texto, sendo que a qualidade da experiência que o leitor vive sob o estímulo do texto seria o objetivo final da leitura" (MOLINA, 1982:21).

A importância da experiência é tão significativa para a nossa leitora que, ao ler o seguinte segmento, se surpreendeu:

8º Segmento:

A PREGUIÇA E O
BANQUETE DOS BICHOS

Os bichos deram um banquete. Já na hora em que iam se sentar à mesa, notaram que não havia farinha. Então chamaram a preguiça e disseram:

— Comadre preguiça, vá depressa à cidade e compre cuia e meia de farinha. Mas venha logo, senão a comida esfria. x
x
x x

— O que vai acontecer?

— *Não sei... mas eu tou achando que eles vai deixar ela participar desse banquete, se ela buscar.*

Percebi que, embora um pouco receosa, nossa entrevistada tentou imaginar a possibilidade de o bicho preguiça poder participar do jantar dos bichos.

Prosseguindo na análise, vejamos como se comportou a nossa leitora ao ler o **9º segmento:**

A PREGUIÇA E O
BANQUETE DOS BICHOS

Os bichos deram um banquete. Já na hora em que iam se sentar à mesa, notaram que não havia farinha. Então chamaram a preguiça e disseram:

— Comadre preguiça, vá depressa à cidade e compre cuia e meia de farinha. Mas venha logo, senão a comida esfria. A preguiça fez uma careta e x x x x x x x x x x
x
x x

Lúcia estava tão comprometida, envolvida com o texto que, nesta parte, se jogou para dentro da história, pois se utilizou, criativamente, do diálogo, confirmado através da fala da personagem preguiça:

— *Credo, ir à cidade? Isso me dá uma preguiça...*

Neste exato ponto, Lúcia abdicou da posição de leitor e se projetou no papel da personagem preguiça, estabelecendo um diálogo inexistente no texto original, mas que traduz as características específicas do animal, que por sinal é bem preguiçoso...

Vejamos como isso se deu:

14º Segmento:

A PREGUIÇA E O
BANQUETE DOS BICHOS

Os bichos deram um banquete. Já na hora em que iam se sentar à mesa, notaram que não havia farinha. Então chamaram a preguiça e disseram:

— Comadre preguiça, vá de-pressa à cidade e compre cuia e meia de farinha. Mas venha logo, senão a comida esfria.

A preguiça fez uma careta e saiu resmungando pelo corredor da sala de jantar. Então toca a esperar. Passou-se uma hora... Passaram-se duas, três, quatro horas.

Todos os bichos estavam caindo de fome. Impaciente, a cutia exclamou:

— Minha gente, que fim teria levado a comadre preguiça que ainda não voltou? x
x
x
x x

Perguntei-lhe o que a cutia havia dito. Lúcia, então, resolveu questionar:

— *O que adiantaria levar a preguiça se ela é muito preguiçosa, ia demorar mesmo, mesmo que falasse para ela não demorar, porque ela é muito preguiçosa.*

Para Lúcia, este trecho da história não tem sentido, não a satisfaz, foge de suas expectativas como um leitor que possui um “background”, uma experiência de vida. Ela, neste ponto, não estava satisfeita nem com o

autor, nem com os próprios personagens que fizeram a escolha da preguiça, como o animal que iria solucionar o problema deles.

Embora seu conhecimento prévio lhe tenha permitido fazer predições advindas do próprio texto - a palavra preguiça - e mesmo das informações extratextuais que foram levantadas, acionando seus esquemas mentais, percebi que ficara descontente com a história, numa insatisfação com a leitura; de certa forma é o estado em que ficamos quando um autor não é muito fiel às nossas expectativas.

O descontentamento de nossa entrevistada se explica pelo fato dela ter se mostrado extremamente participativa na leitura desse texto. Ela fizera uma leitura dinâmica do texto e não passiva; sentira todo o empolgação estabelecido durante o ato de ler, entre leitor e texto. Um dinamismo em que as suas imagens mentais elaboradas a partir dos elementos lexicais, sintáticos e outros presentes no texto, criaram uma imagem mental que não coincidiu com a do autor. Uma vez que as imagens mentais divergiram das do escritor, é viável que ela tenha criado expectativas diferentes.

Visto desta forma, é **bom leitor** aquele indivíduo capaz de interagir com o texto. Nesta interação, fará uso dos conhecimentos prévios, que o auxiliarão na compreensão da mensagem. Ao ler um texto, buscará, em primeira instância, se perguntar: por que o autor está dizendo isto? quais suas verdadeiras intenções? Assim, o bom leitor nunca abdica da sua visão de mundo, de seus conhecimentos para a apreensão do verdadeiro sentido das palavras expressas no texto, pois ele é o **sujeito** do ato de ler.

ANEXO 1
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA
REALIZADA COM LÚCIA

A entrevista feita com esta criança foi bastante diferente das outras. Primeiro, porque ela embora não tendo sido escolhida pela professora para participar do trabalho, insistiu bastante. Logicamente, já estava automotivada. Em segundo lugar, Lúcia (L) é uma criança vivaz, muito alegre e descontraída, o que permitiu um contato bem mais à vontade, de ambas as partes.

A estratégia utilizada no decorrer da entrevista foi a seguinte: ela leu em voz alta cada segmento. Depois, o entrevistador (E) fez-lhe a pergunta correspondente e, a seguir, registrou sua resposta. Algumas informações importantes

foram citadas como observações, imediatamente às respostas de (L).

Bibliografia

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz A. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: *Leitura: teoria & prática*. São Paulo: Mercado Aberto, (5): 3-16, abr. 1985.

MOLINA, Olga. Leitura: será possível (e necessária) uma definição? In: *Leitura: teoria & prática*, nov. 1982, pp. 18-22.

O Que Significa ser um Bom Leitor? - Damáris Naim Marquez

Segmento/ Pergunta (E)	Resposta/ (L)	Observações
Título: A preguiça e o banquete dos bichos. Sobre o que você acha que vai ser a história?	<i>É um <u>bicho preguiçoso</u>, que vai num banquete? Tá certo?</i>	(L) deu entonação de pergunta, pois <u>não estava segura</u> de sua resposta.
Seg. 01 - Os bichos... E agora? Você acha que é isso que você falou?	<i>Não. Vai contar a <u>história dos bichos</u>...Ai, meu Deus por que agora eu não sei?</i>	
Seg. 02 - ... deram um banquete. E agora? Por que você sabe que vai ter isso?	<i>Agora vai ter um <u>negócio preguiçoso</u>, não sei... <u>Um negócio envolvido na preguiça</u>. Porque o título é A Preguiça e o Banquete dos Bichos.</i>	Como (L) dava um novo encaminhamento à história, decidi fazer algumas perguntas.
Seg. 03 - Já na hora em que iam se sentar à mesa... O que aconteceu?	<i>Acho que vai chegar outro bicho, não sei... um bicho preguiçoso.</i>	Ao terminar a leitura, espontaneamente diz: <u>Tan, tan, tan, tan, taaann...</u> dando um <u>tom de suspense</u> .
Seg. 04 - ... notaram que não havia farinha. Então... Continue.	<i>Aí... aí... então... eles foram, <u>ajuntaram um grupo e foram procurar a farinha</u>. Procurar... assim... comprar... achar um lugar onde tenha a farinha.</i>	
Seg. 05 - ... chamaram a preguiça e... Continue.	<i>Chamaram a preguiça. <u>Mas o que a preguiça ia servir, se a preguiça é preguiçosa?</u></i>	(L) leu o segmento silenciosamente primeiro. (interação: leitor x autor)
Seg. 06 - ... disseram: - Comadre preguiça, vá depressa à cidade e... Continue.	<i><u>Ai, meu Deus! Essa preguiça tá preguiçosa!! Preguiça não ter preguiça já é demais..</u></i>	(L) leu o segmento silenciosamente primeiro. (questiona as intenções do autor)
Seg. 07 - ... compre cuia e meia de farinha. Mas venha logo, senão... senão...	<i>Mas venha logo, <u>senããããooo... senão ... o banquete acaba?</u></i>	(L) releu o segmento, dando ênfase. (envolvimento)
Seg. 08 - ... a comida esfria. O que vai acontecer?	<i>Pera aí... acho que <u>tou conseguindo</u>... Não sei... mas eu tou achando que eles vão deixar ela participar do banquete, se ela buscar.</i>	(L) volta ao início do texto e o relê todo, até esta parte. (questiona a participação da preguiça).

O Que Significa ser um Bom Leitor? - Damáris Naim Marquez

<p>Seg. 09 - A preguiça fez uma careta e... Continue</p>	<p><i>- Credo, ir à cidade? Isso me dá uma preguiça...</i></p>	<p>(L) reluta em responder; tem medo de errar. (projeta-se como personagem)</p>
<p>Seg. 10 - ... saiu resmungando pelo corredor da sala de jantar Por que a preguiça resmungou?</p>	<p><i>Porque ela é muito preguiçosa, ela não gosta de trabalhar.</i></p>	<p>(conhecimento de mundo, experiências trazidas para o texto)</p>
<p>Seg. 11 - Então toca a esperar... Quem é que vai esperar?</p>	<p><i>É as pessoas do banquete. (A cr. pergunta: Toca a esperar o quê? E diz: Aqui tem um ponto!)</i></p>	<p>(L) sentiu dificuldades. Não sabia o que responder.</p>
<p>Seg. 12 - Passou-se uma hora... Passaram-se duas, três, quatro horas... O que vai acontecer agora?</p>	<p><i>É porque as pessoas do banquete, foi elas que falou pra ela não demorar, mas a preguiça foi e demorou.</i></p>	<p>(L) leu silenciosamente o segmento antes de o ler em voz alta.</p>
<p>Seg. 13 - Todos os bichos estavam caindo de fome. Impaciente, a cutia exclamou: O que quer dizer "caindo de fome"? O que é "impaciente"?</p>	<p><i>Mesma coisa assim, caindo de fome. Sem paciência</i></p>	
<p>Seg. 14 - Minha gente, que fim teria levado a comadre preguiça que ainda não voltou? O que a outra falou?</p>	<p><i>Foi a cutia. Ela falou: Minha gente, que fim teria levado... O que adiantaria levar a preguiça, se ela é muito preguiçosa, ia demorar mesmo, mesmo que falasse pra ela não demorar, porque ela é muito preguiçosa.</i></p>	<p>(Questiona o encaminhamento dado pelo autor.)</p>
<p>Seg. 15 - Então... Continue.</p>	<p><i>Então... um dos bichos foi atrás, lá, da preguiça.</i></p>	
<p>Seg. 16 - ... Ouviram atrás da porta da rua a preguiça murmurar. Eles ouviram o quê?</p>	<p><i>É quase a mesma coisa. Eles ouviram detrás da porta a preguiça murmurar. Eles deve ter ido para a cidade, eles ouviram detrás da porta.</i></p>	<p>(L) não entendeu a pergunta.</p>
<p>Seg. 17 - - Se me aperriarem, não vou à cidade comprar farinha.</p>	<p><i>Ela não foi à cidade comprar a farinha!</i></p>	